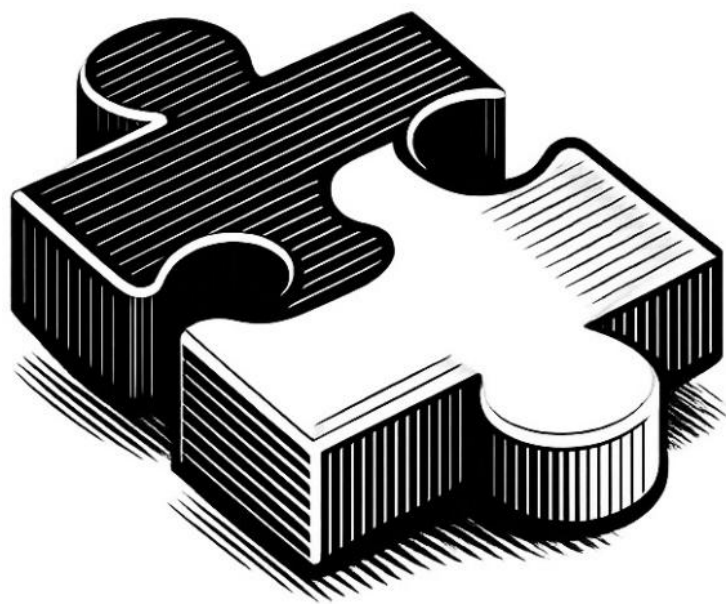


# 5

Q U I N T O   F R A G M E N T O

---

P A P O   D E   P N E U



F R A G M E N T O S   L Ú D I C O S  
T E X T O S   D E   L U I Z   F E L I P E   B O T E L H O

R E C I F E - P E - 2 0 2 6



## SABE O QUE É – E O QUE PODE FAZER – UM TEXTO TEATRAL? SE SABE, PODE PULAR ESTA INTRODUÇÃO

Os textos teatrais são escritos para serem representados ao vivo. Por isso, mesmo que seja possível lê-los em silêncio, vale a pena experimentar fazer isso em voz alta. Essa característica típica de uma ação presencial explica por que o formato de um texto teatral costuma ser diferente do que vemos em outros gêneros literários. Nos textos teatrais os leitores seguem uma história através do que os personagens fazem, dizem e pensam. Veja esse trecho:

ORALDA – Orene vai dar à luz!

REI – (*Desesperado, procurando ao redor*) Onde está a parteira real?

ORENE - Não precisa, meu senhor. As minhas irmãs sabem como fazer.

Observe que o nome de cada personagem identifica quem está falando. Isso facilita o trabalho dos atores que forem montar essa peça, ajudando a acompanhar cada momento da trama e a saber a hora de falar as frases de seus personagens.

Note também que, na fala do Rei, há um trecho entre parênteses. Esse trecho se chama **rubrica** (pronuncia-se “rubríca”, com acento tônico no “i”). As *rubricas* tem a função de descrever ações físicas, reações emocionais e detalhes essenciais da cena.

Assim como as falas dos personagens, *rubricas* podem ajudar quem lê o texto a visualizar e compreender o que está ocorrendo a cada momento da história. No exemplo a seguir, as rubricas são indispensáveis para que compreendamos o que está acontecendo na cena:

*(A Mãe ameaça um choro, enquanto recosta a cabeça no colo do pai. Este continua imóvel, com o olhar perdido em sua paralisia. Ela lembra de como Guga conversa com o avô como se ele estivesse curado. E pensa na saudade que sente do colo protetor daquele pai e das palavras de conforto dele nos momentos em que ela mais precisava.)*

MÃE - Ai, meu pai, que falta o senhor me faz.

Embora não seja o caso deste texto curto, que também chamamos de **esquete**, você poderá notar que alguns textos teatrais são divididos em **atos** e **cenas**. Assim como os capítulos de alguns livros, essas divisões podem ajudar na organização do processo de escrita e na própria apresentação para o público. O uso delas não é obrigatório.

Textos teatrais permitem que você “entre na história” enquanto lê. Além de divertir e ampliar horizontes, a leitura de textos teatrais em voz alta pode trazer benefícios bem interessantes. Individualmente ou em grupo, a prática desse modo de leitura estimula a:

**DESENVOLVER** autoconfiança e segurança na leitura;

**MELHORAR** a pronúncia e a articulação das palavras; e

**ATIVAR** a memória e a concentração.

Sendo assim, boas leituras!

# 5

## Q U I N T O F R A G M E N T O

### P A P O D E P N E U

Texto registrado na Biblioteca Nacional e na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), oferecido gratuitamente apenas para uso privado sem fins lucrativos, neste formato e obtido através do site [www.luizfelipebotelho.com.br](http://www.luizfelipebotelho.com.br)

Todo e qualquer uso público, amador ou profissional, deverá contar antes com autorização expressa do autor. Contato através de: [botelhudo@gmail.com](mailto:botelhudo@gmail.com)

#### PERSONAGENS:

SAULO, jovem de 16 anos

PNEU, um desgastado pneu de bicicleta.

*(O jovem tem uma mochila nas costas com o nome “Saulo” escrito com caneta azul. O rapaz está inquieto, sentado num banco sob uma árvore, às margens de uma rua larga e pouco movimentada na frente do prédio de uma escola. Sentado no chão, ao lado dele, está um ator [ou atriz] com roupa preta, que interpretará o pneu de bicicleta. Saulo pega o celular, levanta-se e faz uma chamada. Ele aguarda mas não é atendido. Depois faz nova chamada. O aparelho dá sinal de que a carga acabou. Saulo se irrita. Olha para os lados e reclama).*

#### SAULO

*(Crie uma frase e use para expressar aqui a frustração do personagem).*

*(Saulo olha para um lado e para o outro, como se esperasse a chegada de um automóvel. Nenhum carro se aproxima. O jovem respira fundo e em seguida volta para o banco, tirando a mochila das costas. Senta e coloca a mochila ao lado.)*

#### PNEU

Algum problema?

*(Saulo olha ao redor e não vê ninguém)*

#### PNEU

Aqui ao lado.

*(Saulo olha para o lado de onde veio a voz e não vê ninguém)*

#### PNEU

Aqui em baixo, criatura!

*(Saulo fica surpreso.)*

PNEU

Que cara é essa? Nunca viu um pneu de bicicleta?

SAULO

Um que falasse, nunca tinha visto.

PNEU

Algum problema com isso?

SAULO

Não, de jeito nenhum. O que é um pneu falante numa época de tantas novidades absurdas.

PNEU

Que reação bacana. Melhor do que começar a gritar e sair correndo.

SAULO

Faz tempo que você fala?

PNEU

A capacidade sempre tive, mas as oportunidades são raras. Não pense que falo com qualquer pessoa, não, ouviu?

SAULO

Ah é? E pode dizer porque decidiu falar comigo?

PNEU

Me identifiquei com a cena.

SAULO

Que cena?

PNEU

A sua. Você chegou, sentou, estava inquieto, ansioso. Aí levantou, tentou contato com alguém no celular, não conseguiu. Depois procurou alguém nos horizontes, teve a certeza de que não estava vindo ninguém para lhe resgatar e aí se aborreceu ainda mais.

SAULO

Eu fiz tudo isso?

PNEU

Fez. Você não notou?

SAULO

Não. Ninguém fica se assistindo viver.

PNEU

Você é que pensa.

SAULO

Que pneu tabacudo. Ou eu vivo ou me assisto vivendo.

PNEU

Presta atenção ao que você está dizendo, criatura. Como você vai se conhecer sem se assistir? Se você acha que tem que escolher entre viver e se assistir vivendo, vai ter que morrer pra se ver. Só que isso não faz sentido porque, se estiver morto, não vai poder ver nada. Entendeu ou quer que eu repita, tabacudo?

SAULO

Tabacudo é você.

PNEU

Tá bom, sou eu, mas você entendeu?

SAULO

Entendi. Mas, deve ser um tédio alguém assistir a própria vida.

PNEU

Não posso falar de você, mas lhe digo que aprendi muita coisa aprendendo a me assistir enquanto vivo.

SAULO

E quando a vida da pessoa acaba, como a sua? E tudo fica parado, assim, como você, largado no chão?

PNEU

Nada está parado. Minha vida segue. Se eu estivesse morto eu não estaria falando com você.

SAULO

Certo, você está vivo, mas perdeu sua função. O que é que pode fazer um pneu como você?

PNEU

O que quer dizer com “um pneu como eu”?

SAULO

Posso falar?

PNEU

Pode.

SAULO

Careca, cheio de buracos, sem jante, sem bicicleta, sem nada.

PNEU

Estou na jante do mundo, conectado com tudo o que está ao meu redor. Tá. Você pergunta: pneu, o que restou pra você hoje, agora? Eu vivo interagindo com o momento presente.

SAULO

Interagindo com o que? Nada acontece aqui? Nada. Desde que me sentei neste lugar não parou ninguém na barraquinha de coco do outro lado da rua. E o silêncio. Não tem nenhum barulho nesta rua. Se fosse período letivo eu até concordaria com você, mas primeira semana de janeiro. Até aquilo se repete, aquele carro cinza ali, grande, parado na vaga de idosos. Eu conheço o dono. Ele não é idoso. Tem vinte e cinco anos. Faz isso todo dia. Ninguém multa.

PNEU

O homem da barraquinha de coco fumou um cigarro, conversou com alguém no celular, apagou o cigarro e jogou na lixeira. Nesse meio tempo um bem-te-vi pousou no topo do poste junto da barraquinha, cantou três vezes e voou para o quintal daquela casa verde e branca. Uma gata castrada, que fugiu daquela outra casa na primeira esquina à esquerda, veio com uma lagartixa morta na boca e se abrigou na sombra desse carro grande na vaga de idosos.

SAULO

Assistir a vida dos outros não é viver.

PNEU

É, sim, se a gente se faz presente nesse olhar, com sentimento, emoção e paciência. Coisas extraordinárias acontecem nessas condições.

SAULO

Extraordinárias, como?

PNEU

Por exemplo, quando o dono da barraquinha está triste, eu converso com ele de coração para coração. Ele não sabe que sou eu, mas eu vejo que ele me escuta, porque o humor dele vai mudando, ele começa a sorrir e as vezes chega até a cantar.

SAULO

Como é que você sabe que foi você?

PNEU

Como é que você sabe que não foi?

SAULO

Isso acontece sempre?

PNEU

Milhões de coisas. Cada uma mais bonita que a outra. Mas você não precisa aceitar o que eu digo. Só estou compartilhando meu jeito de lidar com o mundo e comigo mesmo.

SAULO

E como você se sente? Como você se vê nisso tudo?

PNEU

Vivo. Pleno.

SAULO

Sério? Você não está se enganando?

PNEU

Por quê?

SAULO

Você nunca mais vai poder rodar pelo mundo numa bicicleta.

PNEU

Verdade. Só se alguém me levar à tiracolo.

SAULO

O que seria bem improvável.

PNEU

Eu sei. Tanto que não perco meu tempo esperando por isso.

SAULO

Então? Sua razão de existir não faz mais sentido.

PNEU

E qual é a minha razão de existir?

SAULO

Estar numa bicicleta! Isso é óbvio!

PNEU

Não é, não, Saulo.

SAULO

Eu não lhe disse meu nome.

PNEU

Está escrito na sua mochila. A não ser que ela não seja sua.

SAULO

É minha, sim. Pensei que você também lesse pensamentos.

PNEU

Chegarei lá, um dia.

SAULO

E porque você não admite que sua razão de existir acabou?

PNEU

Porque eu mudei. Eu existo diferente agora. E não existe apenas uma razão de existir. Existem várias. E todas elas podem mudar comigo. E estão mudando.

SAULO

Fala como se fosse algo muito fácil de acontecer.

PNEU

Não “acontece”. Entendo que a gente faz acontecer. E eu disse que era fácil.

SAULO

Fácil? Parece impossível. Vendo você aí, largado desse jeito, abandonado, sem função.

PNEU

Não estou abandonado, nem sem função e muito menos sem razões de existir.

SAULO

Mas, como pode ser?

PNEU

Eu já respondi. Você ouviu, mas não escutou. Compreendeu, mas não aceitou. O que quer que eu faça?

*(Saulo levanta do banco e olha para os dois extremos da rua)*

PNEU

Não se aborreça. Eu compreendo seu sofrimento.

SAULO

Você nem me conhece. Nunca me viu antes.

PNEU

O mundo é muito interessante, Saulo. Antes de me desgastar, eu já estive na sua casa. Uma vizinha sua, Silvana, emprestou a bicicleta dela para você por uma semana. Eu era o pneu dianteiro daquela bicicleta. Você devia ter uns onze anos.

*(Saulo olha para o Pneu perplexo. Volta e senta no banco)*

SAULO

Isso aconteceu mesmo. Foi por isso que quis conversar comigo?

PNEU

Foi. Gostei muito dos dias em que pedalamos juntos.

SAULO

Eu também. Sabia que, depois daquela semana, quase enlouqueci meus pais para que eles comprassem uma bicicleta pra mim?

PNEU

Foi? E eles compraram?

SAULO

Não. Naquela época não podiam. E depois me desinteressei.

PNEU

Por quê?

SAULO

Porque toda vez que eu via uma bicicleta eu lembrava do quanto doía ter um sonho e ficar com a impressão de que ele nunca se realizaria.

PNEU

Mas hoje seus pais podem lhe dar uma bicicleta, não podem?

SAULO

Eu passei muito tempo com medo deles não conseguirem melhorar de vida. Me senti pesando na vida deles. Achei até que, se meus pais, que são tão guerreiros, não estavam conseguindo manter a família, que chance eu teria? Eu, tabacudo do jeito que sou, como vou saber o que vou fazer da minha vida quando terminar meus estudos?

PNEU

Está me perguntando?

SAULO

Não. Ninguém tem resposta pra isso. Ou você tem?

PNEU

Não tenho. Mas você tem. E vai saber qual é.

SAULO

Como você chegou aqui, Pneu? Qual é a sua história de vida até hoje?

PNEU

Posso resumir?

SAULO

Por favor.

PNEU

Tá bom. Silvana, que era sua amiga, deu a bicicleta para um primo chamado Eduardo, que adorava fazer trilhas comigo. Depois que envelheci, Eduardo me deixou na borracharia de Germano. Fiquei lá por uns tempos até que Daniel, o filho caçula de Germano, me pegou para brincar. Quando Daniel se cansou de mim, ele mesmo me jogou num terreno baldio. Vanilza, uma catadora de lixo, me pegou no terreno e levou para a reciclagem junto com outros pneus como eu. Ronaldo, um artista plástico, que mora no final desta rua aqui, me comprou na reciclagem pensando em fazer uma escultura, mas me deixou por meses num canto da garagem dele. Naquele cantinho escuro, uma barata enorme me viu, gostou de mim e me usou pra fazer um ninho. O ninho cresceu sem ninguém perceber. Virou uma grande metrópole de baratas escondida naquela garagem. Até que ontem à noite, Mariluce, esposa de Ronaldo, nos descobriu, pegou uma vassoura e desmanchou a cidade das baratas. Depois, Mariluce me pegou, saiu furiosa da garagem e acabou me jogando aqui.

SAULO

Que dureza.

PNEU

Pois é. Altos e baixos.

SAULO

E você está assim, leve, sereno.

PNEU

Estou.

SAULO

Como conseguiu?

PNEU

Eu já respondi.

SAULO

Diz de novo, por favor.

PNEU

Quais são **as suas** razões de existir, Saulo?

SAULO

Minhas razões de existir?

PNEU

Pelo menos uma delas. Nada de pensar muito, procure responder com seu coração.

SAULO

Coração? Como assim? Você é um pneu de bicicleta. Você tem coração?

PNEU

Tudo tem um coração, Saulo.

*(Ouve-se o ruído do motor de um carro parando próximo)*

PNEU

Seu carro chegou.

SAULO

São meus pais.

PNEU

Imaginei.

SAULO

Eu tenho que ir.

PNEU

Pode ir.

SAULO

Adeus, Pneu.

PNEU

Adeus.

SAULO

Quer ir comigo? Gostei muito de conversar com você.

PNEU

Também gostei. Mas prefiro ficar aqui.

SAULO

Imaginei.

*(Ouve-se o som de uma buzina)*

SAULO

*(Para o suposto carro que chegou)* Tô indo. *(Para o Pneu)* Adeus.

PNEU

Adeus.

FIM